



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/04/2021 a 06/05/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>30/04/2021</b>	15,71	426,00	68,46	7,42	7,40
<b>03/05/2021</b>	15,60	416,20	68,31	7,25	7,32
<b>04/05/2021</b>	15,77	423,50	67,95	7,37	7,44
<b>05/05/2021</b>	15,82	424,30	66,74	7,55	7,53
<b>06/05/2021</b>	16,05	427,70	66,25	7,64	7,59
<b>Média</b>	<b>15,79</b>	<b>423,54</b>	<b>67,54</b>	<b>7,45</b>	<b>7,46</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	
RS – Panambi	166,00	
RS – Não Me Toque	165,00	
RS – Londrina	162,00	
PR – Cascavel	162,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	167,00	
GO - Rio Verde	165,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	86,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	92,00	
PR – Cascavel	99,00	
PR – Londrina	98,00	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	96,00	
SP – Itapetininga	100,00	
SP – Campinas	102,00	CIF
GO – Rio Verde	85,00	
GO – Jataí	85,00	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	83,00	
RS – Não Me Toque	83,00	
PR – Londrina	91,00	
PR – Cascavel	92,00	

Período: 05/05/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 06/05/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	90,17	166,40	82,30

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
06/05/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,52
Feijão (saco 60 Kg)	287,50
Sorgo (saco 60 Kg)	64,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,92
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,91**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,99

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Abril/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Em Chicago as cotações da soja nesta semana se mantiveram em alta, com o bushel rompendo o teto dos US\$ 16,00. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (06/05), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 16,05/bushel, contra US\$ 15,42 uma semana antes. Por sua vez, a média de abril fechou em US\$ 14,65, contra US\$ 14,36/bushel em março. O ganho médio no mês foi de 3,6%. Lembrando que em abril do ano passado a média havia sido de US\$ 8,43/bushel, ou seja, 73,8% abaixo do valor médio de abril do corrente ano. Neste momento, as cotações da soja em Chicago estão 93,4% acima do valor praticado no mesmo momento de maio do ano passado. Destaque para o óleo de soja naquela Bolsa que, embora tenha baixado um pouco de preço durante a semana, também continua com cotações perto dos níveis históricos.

O mercado entra na expectativa do relatório mensal de oferta e demanda do USDA, o qual deverá ser anunciado no dia 12 de maio próximo. Este relatório trará as primeiras projeções de volume a ser colhido na safra que está sendo semeada agora nos EUA, além de ajustes na estimativa de área e nos estoques finais.

E no que diz respeito ao plantio da nova safra de soja nos EUA, até o dia 02/05 a mesma atingia 24%, contra a média histórica de 11%. Ou seja, o plantio avança rapidamente, não sofrendo problemas climáticos até o momento. Mesmo assim, o mercado continua sustentando altas nas cotações. Isso porque as atenções estão voltadas para o clima nos EUA, pois qualquer problema nesta safra, diante de estoques muito reduzidos, deixará a oferta interna da oleaginosa em dificuldades. Na prática, o mundo estaria passando por um momento em que a produção geral tem sido menor do que o consumo, fato que sustenta as cotações.

Assim, se o potencial de baixa nas cotações existe, na medida em que a bolha especulativa estoura a partir de uma safra normal nos EUA, igualmente é verdadeiro o fato de que as cotações podem subir ainda mais, do que atualmente, caso ocorra problemas climáticos nos EUA que levem a uma quebra de safra local.

No caso do milho o processo é o mesmo, porém, o cereal possui estoques mais elevados tanto nos EUA quanto no mundo. Mas a quebra da safrinha brasileira, já existente em muitas regiões, com possibilidades de aumentar, já traz também efeitos sobre as cotações internacionais do milho.

Neste contexto, é preciso igualmente olhar a demanda chinesa, a qual, embora ainda forte, parece estar diminuindo neste ano. Mesmo assim, analistas internacionais consideram que a demanda por soja continuará forte no mundo em função das boas margens de ganhos registradas na produção de carnes.

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana anterior, somaram 143.418 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. O total exportado até este momento, no atual ano comercial, chega a 55,4 milhões de toneladas, volume 89% superior ao registrado um ano antes.

Já no Brasil, puxados pelo câmbio, que trouxe o Real a R\$ 5,34 por dólar em alguns momentos da semana, os preços recuaram. A média gaúcha no balcão perdeu cerca de quatro reais por saco em relação a semana anterior, ficando em R\$ 166,40. Nas

demais regiões do país os preços médios oscilaram entre R\$ 162,00 e R\$ 168,00/saco. Além do câmbio, diminuiu a pressão da demanda interna, com muitas indústrias trabalhando com soja já estocada ou importando o produto do Paraguai. Como o prêmio continua ao redor de zero e até negativo em alguns portos brasileiros, o que sustentou os preços e impediu um recuo maior foi Chicago.

Em termos de colheita, a mesma caminha para o final. O Rio Grande do Sul, um dos últimos Estados a colher, na semana anterior atingia a 80% da área, tendo avançado muito bem nesta última semana e praticamente finalizado a mesma. Estariam faltando poucas áreas a serem colhidas.

Em termos de exportação, o mês de abril bateu recorde, com o Brasil embarcando 17,38 milhões de toneladas, contra 14,85 milhões em abril de 2020. Neste início de maio o ritmo de embarques continua firme, buscando recuperar o atraso na disponibilidade do produto em função da colheita tardia. Já a Anec projeta exportações de 11,96 milhões de toneladas. Até o momento, em todo o atual ano comercial iniciado em 1º de fevereiro aqui no Brasil, o país exportou 33,8 milhões de toneladas de soja, esperando-se que mais 30 milhões sejam exportadas em maio e junho. No total do ano de 2021 o Brasil pode alcançar 85 milhões de toneladas vendidas ao exterior. Há a possibilidade de o país ter mais soja para exportar em função da redução da demanda no esmagamento devido a redução da mistura de biodiesel, a qual caiu de 13% para 10%.

O valor médio da tonelada exportada em abril, segundo a Secex, ficou em US\$ 414,10, contra US\$ 338,70 em abril do ano passado. Um aumento de 22,3% em um ano.

Outrossim, importante salientar que as exportações para a China estão menores neste ano. Segundo dados da Anec, já computando as projeções para maio, nos primeiros cinco meses do corrente ano o país exportará 1,68 milhão de toneladas a menos de soja em relação ao mesmo período do ano passado. Já em farelo, a exportação será menor em 609.157 toneladas.

Assim, o mercado brasileiro de soja passa por um momento de indefinição, havendo ainda bastante soja a ser comercializada da última safra (cerca de 30% do total). Ao mesmo tempo, os preços tendem a ceder caso o câmbio mantenha a valorização do Real nas próximas semanas. A partir de agora entramos em um período de muitas oscilações de preços, até se definir a safra nos EUA e a tendência das cotações em Chicago a partir daí, assim como o quadro cambial no Brasil. Novas altas nos preços nacionais estão longe de serem garantidas e os produtores que ainda não venderam sua produção, ou parte dela, podem estar deixando uma oportunidade importante diante dos atuais preços praticados. Há muitas incertezas para os meses futuros neste mercado. Pelo sim ou pelo não, o momento atual do mercado nacional da soja é de muita cautela, pois o mercado estaria iniciando um processo de reequilíbrio após os preços recordes destes últimos seis meses. Tudo indica, em condições normais de safra nos EUA, que o melhor momento de preços neste ano por aqui será o primeiro semestre, embora não haja certeza sobre isso.

Enfim, vale alertar para o fato de que as tradings multinacionais, que operam aqui no Brasil, estejam monitorando de perto os produtores, inclusive usando satélites, agentes de campo e muitos advogados visando garantir o cumprimento, por parte dos

produtores nacionais, dos contratos fechados no ano passado, quando o preço pré-fixado da soja acabou ficando menor do que o atual. Aqueles produtores que consideram necessário tentam renegociar os contratos. A questão é simples: se os produtores entregam o produto aos preços fixados, cumprindo os contratos, os comerciantes terão lucro; se os produtores conseguirem renegociar os contratos com as empresas, podem melhorar seus ganhos. O fato é que, em muitos casos, os produtores dizem que os comerciantes estão exigindo a entrega da soja mesmo quando nenhum contrato foi assinado. Haveria casos em que a venda foi feita pelo WhatsApp. Em outros, os compromissos foram assumidos por telefone ou e-mail. Ora, diante de preços agora maiores do que os contratos realizados, embora estes últimos sejam largamente convincentes, os produtores reagem e as tradings multinacionais passam a usar métodos mais agressivos para garantir que o produtor entregue o produto conforme o contrato. Neste momento, segundo um escritório de advocacia, as suas ações judiciais contra produtores já atinge o número de 40, contra duas ou três em anos anteriores. Neste contexto, alguns produtores de soja estão acusando os compradores de assediá-los e violar sua privacidade para garantir a entrega de produto. A situação chegou ao ponto de um produtor de Goiás fazer um boletim de ocorrência (BO) contra uma empresa alegando que a mesma estava filmando sua propriedade sem autorização, enquanto espalhava no mercado a informação de que a soja desta propriedade lhe pertenceria. Assim, enquanto as empresas e seus advogados jogam duro para fazer cumprir os contratos, formais ou informais, os produtores insistem na cláusula de retorno/revisão dos contratos, o que lhes daria o direito de rescindir os contratos sem pagar multas de 30% a 50% do preço à vista da soja comprometida. As empresas têm alegado que o desrespeito dos contratos traz um risco de “quebra na cadeia” por falta de liquidez. Isso pode comprometer os negócios futuros. Para se ter uma ideia da situação, a empresa CJ Selecta (que é parte do grupo sul-coreano CJ Cheiljedang) tinha cerca de 2.000 contratos de soja ativos e mais de 400 fazendas sob monitoramento nesta safra. O objetivo foi garantir que os produtores não desistissem de vender a soja já contratada para obter preço maior de outro comprador. Em Minas Gerais ela conseguiu, judicialmente, arrestar 3.600 toneladas de soja de uma propriedade rural que teria tentado alterar o contrato estabelecido ainda em maio/20. Já a Agrobom (que tinha contratos de venda de soja para a Bunge), usando evidências colhidas em mensagens de WhatsApp, obteve uma ordem judicial para arrestar milhares de sacas de soja de produtores que queriam renegociar os preços, pois ela não teria como comprar a soja no mercado à vista se o vendedor não entregasse o produto, segundo seu advogado. Na maioria dos casos, as decisões da Justiça foram favoráveis às empresas de grãos, embora os produtores tenham argumentado que contratos informais não deveriam ser vinculantes. Por sua vez, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) anunciou, em fevereiro, a criação de uma ferramenta que permite aos compradores de grãos compartilhar informações sobre os sojicultores, além de alguns detalhes dos seus contratos. A plataforma, que desagradou a alguns produtores, é administrada por terceiros e respeita as leis do Brasil, diz a Abiove. Juntamente com o monitoramento realizado pelas tradings nesta safra, a ferramenta ajudou a manter a inadimplência abaixo de 1% dos contratos, disse o presidente da Associação. A ferramenta poderá também ser usada para monitorar os produtores de milho no Brasil, mas a decisão não está tomada, disse. Já a Aprosoja criticou o compartilhamento de informações acerca de contratos privados de soja, dizendo que isso poderia violar as leis de proteção de dados, sendo que o monitoramento dos produtores serviria também para colocar o produtor em uma lista negra caso rompesse com os contratos. (cf. Notícias Agrícolas,

03/05/2021, a partir da Agência Reuters, site: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/soja/286861-enfoque-espioes-satelites-e-intimacoes-tradings-jogam-duro-com-sojicultor-brasileiro.html#.YJP437VKjIU>).

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também subiram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (06) em US\$ 7,59/bushel, contra US\$ 7,02 uma semana antes, consolidando a posição acima dos US\$ 7,00. O milho foi o produto que mais aumentou na comparação da média de abril com a de março. O mesmo ganhou 11,6% no mês, fechando abril em US\$ 6,16/bushel, contra US\$ 5,52 em março. Para comparação, a média de abril do ano passado havia sido de US\$ 3,20. Ou seja, o bushel de milho aumentou em 92,5% em um ano. Em relação ao preço atual o aumento anual já é superior a 137%.

E isso ocorre mesmo com o ótimo avanço no plantio da nova safra estadunidense. O mesmo chegou, no dia 02/05, a 46% da área esperada, contra a média histórica de 36% para esta época. Além disso, 8% das lavouras já germinaram nos EUA.

Quanto as exportações, os embarques estadunidenses, na semana anterior, registraram um volume de 2,14 milhões de toneladas, ficando no limite superior do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial os EUA embarcaram 43,4 milhões de toneladas de milho, ou seja, 64% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

Assim como no caso da soja, o mercado do milho espera agora o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/05.

Já aqui no Brasil, o preço do cereal continuou em alta, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 90,17/saco, enquanto nas demais praças nacionais o saco do cereal oscilou entre R\$ 78,00 em Campo Novo do Parecis (MT), até R\$ 100,00 em Itapetininga (SP), sendo que o CIF Campinas ficou em R\$ 102,00.

Por sua vez, na B3 o contrato maio fechou a semana em R\$ 101,50/saco, julho ficou em R\$ 103,18, setembro em R\$ 101,55 e novembro em R\$ 102,25/saco.

Os produtores rurais que ainda possuem milho, diante dos baixos estoques, do avanço das exportações e dos problemas climáticos que vêm quebrando a safrinha, adotam a estratégia de segurar o produto, enquanto parte dos consumidores precisam recompor estoques. Assim, os preços reais do cereal batem recordes históricos no país.

Neste contexto, muitos analistas começam a caminhar na direção de nossa tendência, ou seja, corrigindo ainda mais para baixo a produção final do cereal no país. Neste momento, Safras & Mercado calcula uma safra total ao redor de 104 milhões de toneladas, contra 106,8 milhões no ano anterior. Inicialmente se calculava uma safra final acima de 112 milhões de toneladas. Hoje, não será surpresa se a mesma ficar ao redor de 100 milhões, como frisamos no comentário passado. A safrinha está sendo calculada, agora, em apenas 70,8 milhões de toneladas, contra 80,7 milhões ainda em

março passado e 73,5 milhões colhidas no ano passado. Já a StoneX fala em safrinha de 72,7 milhões de toneladas neste momento.

As perdas são importantes na safrinha do Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso, sendo que as mesmas ainda continuam. Assim, a produtividade final média da safra total brasileira deverá ficar em 4.933 quilos/hectare, contra 5.436 quilos projetados em março e os 5.468 quilos/hectare registrados na safra passada.

Levando-se em conta a área semeada, as perdas são ainda maiores já que a área total cultivada com milho no Brasil aumentou em 8%, atingindo a 21,1 milhões de hectares.

Neste quadro, as exportações brasileiras poderão recuar para 29 milhões de toneladas, contra a projeção de 35 milhões em março.

Especificamente no Mato Grosso, a produtividade média esperada para a safrinha foi reduzida para 101,42 sacos/hectare. Com isso, a produção final mato-grossense ficaria em 34,6 milhões de toneladas, com um recuo de 2,4% sobre o ano anterior. (cf. Imea)

No Paraná, o plantio da safrinha estando concluído, tem-se que 32% da mesma está em floração e 3% em maturação. Já o índice de lavouras em condições boas caiu para apenas 28% do total, enquanto 18% estão com índice ruim. A falta de chuvas está prejudicando bastante o desenvolvimento da safrinha, sendo que regiões como a de Marechal Cândido Rondon não recebem chuvas boas desde 16 de março. Nesta região, os 20% das lavouras semeadas ainda em fevereiro já têm quebra de 40%, enquanto os demais 80%, semeados em março, já perderam cerca de 30% de seu potencial produtivo. Como já comentado no boletim anterior, o Paraná está com o menor índice de umidade do solo dos últimos 30 anos, com as plantas da safrinha apresentando o mais baixo índice de vigor das últimas cinco safras. (Cf. Deral)

Já em Goiás, segundo o Ifag, o mercado do milho se mantém firme, diante de uma situação crítica da safrinha, devido ao baixo volume de chuvas. No Mato Grosso do Sul também o quadro climático compromete a safrinha e mantém os preços do cereal em alta, mesmo com um aumento de 5,7% na área semeada. Naquele Estado, neste momento, apenas 13% das lavouras da safrinha estão sendo consideradas boas, 83% estariam regulares e 4% ruins. (cf. Famasul)

Pelo lado da exportação, a Secex apontou que nos 20 dias úteis de abril o país exportou 130.876 toneladas de milho, ficando em 44% do total exportado em março. A média diária de embarques ficou 48,8% abaixo do registrado em março, porém, 1.854% superior à média de embarques de abril de 2020. O preço da tonelada exportada ficou na média de US\$ 243,30 em abril.

Importante se faz dizer que as exportações de milho pelo Brasil, na projeção dos cinco primeiros meses do ano, deverão ficar 104.670 toneladas acima do registrado no mesmo período de 2020. Aliás, apesar da seca, a Anec continua projetando uma exportação em torno de 32 milhões de toneladas no ano. Se isso vier a ocorrer, e a safrinha consolidar as perdas projetadas, o Brasil terá aperto importante nos estoques de passagem para o próximo ano. A questão em jogo é verificar a que nível de câmbio as exportações ainda se manterão competitivas em relação ao mercado interno, fato que já estaria favorecendo as vendas internas após as últimas valorizações do Real.

Dito isso, a realidade de preços extremamente altos para o milho traz preocupações semelhantes ao que se viu na soja. Ou seja, o receio de os produtores não entregarem o produto negociado antecipadamente com as empresas, visando conquistar preços melhores do que os contratados anteriormente.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo subiram bem durante esta primeira semana de maio, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 7,64/bushel, contra US\$ 7,37 uma semana antes. A média de abril ficou em US\$ 6,67/bushel, contra US\$ 6,35 em março, ganhando 5% sobre o mês anterior. Para comparação, a média de março de 2020 foi de US\$ 5,30, o que significa que nos últimos 12 meses a cotação do trigo em Chicago subiu 25,8%.

Dito isso, o plantio do trigo de primavera nos EUA chegou a 49% da área no dia 02/05, contra 32% na média histórica para esta época. Já o trigo de inverno apresentava 48% das lavouras em condições entre boas a excelentes, outros 33% regulares, e 19% em condições entre ruins a muito ruins.

Quanto às exportações estadunidenses de trigo, na semana anterior as mesmas atingiram a 509.932 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Os EUA acumulam exportações ao redor de 23,1 milhões de toneladas do cereal no corrente ano comercial.

Na Europa, o preço do trigo seguiu a tendência mundial e também subiu de preço. O contrato de setembro para o trigo de moagem, na bolsa de Paris, ficou em 226,00 euros a tonelada. Isso equivale, hoje, a R\$ 1.441,88 a tonelada, ou o equivalente a R\$ 86,15/saco. Já o contrato para maio chegou a bater em 259,75 euros/tonelada durante a semana, ou seja, R\$ 1.657,20/tonelada, equivalendo a R\$ 99,43/saco.

Já aqui no Brasil, o preço do trigo se manteve firme, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 82,30/saco, enquanto no Paraná os preços giraram entre R\$ 91,00 e R\$ 92,00/saco.

Os atuais valores no Brasil são recordes nominais, consolidando cerca de 16 meses consecutivos em alta. É neste contexto que se espera um aumento da área semeada neste ano, como já destacado em oportunidades anteriores. No Paraná se espera um aumento de 3%, com a área total chegando a 1,16 milhão de hectares, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma aumentaria 15%, chegando ao redor de 1,1 milhão de hectares.

Ainda no Paraná, o plantio da nova safra atingia a 6% da área esperada no início deste mês de maio. O Estado paranaense espera colher 3,8 milhões de toneladas de trigo, o que seria 22% acima da frustrada safra do ano passado. A produtividade média esperada é de 3.281 quilos/hectare, ou seja, 54,7 sacos/hectare.

E no Rio Grande do Sul, segundo a Fecoagro, o custo de produção desta lavoura de trigo aumentará 21,8% em relação ao ano passado. Considerando uma produtividade média de 60 sacos/hectare, ao preço atual de R\$ 82,00/saco, o produtor irá precisar de quase 49 sacos/ha para pagar o custo total da lavoura do cereal. Assim, sobriariam

cerca de 11 sacos/hectare, ou seja, R\$ 902,00/hectare. Nestas condições, se o preço do cereal recuar para cerca de R\$ 66,60/saco no momento da colheita, o produtor gaúcho praticamente empatará com o custo de produção. Dito de outra maneira, o preço do cereal ao produtor, na colheita em fins de outubro e novembro, não pode ser menor do que R\$ 66,60/saco para que ele tenha lucro com o trigo nesta safra, a partir dos dados da Fecoagro. Por outro lado, em se mantendo o preço de R\$ 82,00/saco, sua produtividade média não poderá ser menor do que 48,8 sacos/hectare para não ter prejuízo com a futura safra, lembrando que a média da safra passada, frustrada parcialmente, ficou ao redor de 42 sacos/hectare.